

MINHA VOZ CIDADÃ¹

Matheus Oliveira COSTA²

Licenciando em Letras
IFSP/Câmpus São Paulo

Larissa Alves da Silva³

Licencianda em Letras
IFSP/Câmpus São Paulo

Tatiane Passarini SOUSA⁴

Licencianda em Letras
IFSP/Câmpus São Paulo

Cristina Lopomo DEFENDI⁵

Doutora em Filologia e Língua Portuguesa/USP
Docente de Letras
IFSP/Câmpus São Paulo

RESUMO

Apresentamos um relato de experiência do projeto “Minha voz cidadã”, realizado no âmbito do PIBID Letras, junto ao Instituto Federal de São Paulo em parceria com uma escola estadual da zona norte de São Paulo. Esse projeto teve como objetivo o desenvolvimento da habilidade da oralidade por meio de discussões e seminários atrelados a temas que envolvem cidadania, além do trabalho com o gênero discursivo panfleto. Para isso, foi formulada uma sequência didática à luz da teoria de Zabala (1998), com a temática Cidadã e contendo alguns módulos de atividades: uma discussão inicial sobre os problemas enfrentados pelos alunos, em seguida, um debate sobre depressão e ansiedade (temas escolhidos pelos alunos), seminários envolvendo as campanhas mensais de conscientização e, por fim, a elaboração de um panfleto informativo como produção final. Os resultados indicaram que, quando os alunos escolhem o tema da aula, há uma maior participação e o conteúdo se desenvolve de forma dinâmica. Conclui-se, então, que aluno deve ser o centro do processo pedagógico.

Palavras-chave: PIBID; Cidadania; Oralidade; Ensino de Língua Portuguesa.

¹ Projeto realizado sob orientação da Profa. Dra. Cristina Lopomo Defendi, coordenadora do subprojeto Letras – Português/IFSP São Paulo, no âmbito do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência/Capes).

² Endereço eletrônico: matheusoliveiracos.99@gmail.com

³ Endereço eletrônico: larissalves.eco@gmail.com

⁴ Endereço eletrônico: passarinitath@gmail.com

⁵ Endereço eletrônico: crislopomo@ifsp.edu.br

Escola conveniada

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) oferece bolsas para alunos de licenciaturas que se comprometam a exercer, em conjunto com o professor supervisor — que fica em sala de aula com o aluno de iniciação à docência — e o professor da instituição de ensino do licenciando, a iniciação à docência por meio de projetos em escolas públicas. O intuito é aproximar a teoria da prática — já que evidencia o dia a dia das escolas públicas brasileiras —, bem como incentivar os graduandos a exercerem o magistério nessas escolas e aumentar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). Como já afirmado, no PIBID é necessário também desenvolver projetos com os alunos, e o ‘Minha voz cidadã’ foi elaborado com essa finalidade.

A escola estadual parceira, localizada na zona norte de São Paulo, em 2019 deixou de ser regular para se tornar integral por ordem do governo do Estado. Por conseguinte, foi possível para nós acompanharmos as mudanças dessa transição, dentre elas as tratativas da coordenação da escola de organizar as aulas e as atividades extracurriculares que comporiam o dia a dia escolar dos seus estudantes, já que agora seu horário seria das 8h00 às 17h30.

A estrutura que comporta a escola conta com alguns déficits que acabam por afetar a estadia dos alunos: às áreas de convivência são muito pequenas para a quantidade de alunos; as salas, apesar de temáticas, ainda não possuem decoração específica que represente as disciplinas e, algumas delas, contam com pintura descascada. Além disso, o intervalo reúne todo o alunado, ou seja, alunos de 11 a 17 anos compartilham o mesmo horário e espaço.

Também foi possível perceber a sobrecarga advinda das adaptações ao período integral: a ausência de professores para algumas disciplinas curriculares e de profissionais para lidarem de uma forma mais adequada com os alunos de inclusão dão aos professores mais tarefas do que o desejado.

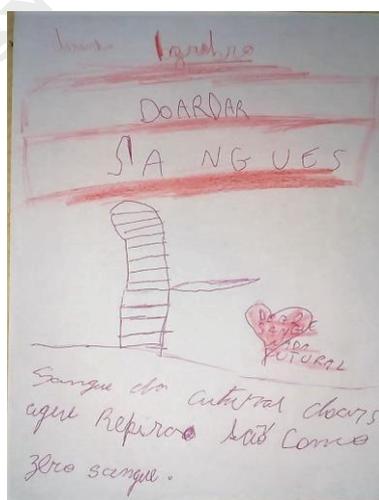
Os alunos

A turma selecionada para a aplicação do projeto foi o 1ºB, já que tínhamos com ela uma maior disponibilidade de tempo. Essa turma apresenta somente 15 alunos⁶ frequentes, apesar de o número de matriculados ser mais alto. Havia também uma segunda turma de 1ºEM, o 1ºA, com uma quantidade maior de alunos frequentes, 20, mas com a qual só tínhamos uma aula por dia.

O 1ºB era uma turma com desempenho menor nas atividades que a professora aplicava, interagia pouco e, por consequência, participava muito pouco das aulas. O 1ºA era a turma modelo, com alunos envolvidos em várias atividades da escola, participavam das aulas da professora com comentários e dúvidas e davam respostas melhores às avaliações em sala.

É também importante ressaltar que é uma escola com uma grande quantidade de alunos de inclusão, até pelo fato de ser agora uma escola de tempo integral. Segundo a professora, grande parte não possui laudos e em muitos casos havia uma grande dificuldade dos professores em lidar com esses alunos. O 1ºB contava com dois alunos de inclusão, mas não tivemos acesso a detalhes sobre as condições deles.

Esses alunos de inclusão prestavam atenção em todas as atividades, mas, na hora de produzir o que era pedido, tinham muita dificuldade. A aluna conseguiu, do seu jeito, desenvolver a atividade, e o aluno sempre era auxiliado pelo grupo, o que não nos permitiu ser capazes de perceber sua real condição.



Panfleto feito por umas das alunas de inclusão

⁶ Vale ressaltar que esse número pequeno de alunos não reflete a realidade da escola pública estadual, só ocorrendo nesse momento pela transição por que passa a escola para tempo integral.

As atividades do projeto ajudaram a entender que essa aluna de inclusão possui dificuldade em se expressar em atividades escritas, porém, nas atividades orais, há um desempenho melhor - por isso a presença de atividades diversificadas, tanto orais quanto escritas, é sempre necessária para que seja possível obter dados de por quais caminhos trabalhar com todos os alunos. Essa experiência enriquece e fortalece o desenvolvimento em sala de aula e o manejo adequado em turmas em que há alunos de inclusão, embora com limitações. Nos cursos de licenciatura há poucas (ou nenhuma) instrução direta sobre essa temática. Na escola também não são oferecidos cursos para os docentes lidarem e nos auxiliarem com os alunos de inclusão.

O projeto

O projeto foi articulado a partir da visão de Zabala (1998, p. 53) sobre as atividades realizadas em sala de aula: “os tipos de atividades, mas sobretudo sua maneira de se articular, são um dos traços diferenciais que determinam a especificidade de muitas propostas didáticas.”. Ou seja, as atividades são importantes pois auxiliam a tornar a aprendizagem algo significativo, por isso planejamos uma disposição de atividades adequada, iniciando pelos debates e dando continuidade, conforme será explicitado.

Zabala (1998, p. 53) diz que a disposição das atividades influencia em como esse método será identificado, sendo esse método a maneira como serão aplicados, em sala de aula, o ensino e as atividades idealizadas pelo professor. Quando tratamos de sala de aula é importante lembrar que a relação professor-aluno não deve ser apenas de transmissão de conhecimento, mas também uma relação que seja possível ter contato mais profundo com o aluno — como afirma Zabala (1998, p. 54): “estas relações são fundamentais na configuração do clima de convivência e, por conseguinte, de aprendizagem.”.

Zabala (1998) aborda em seu livro o que é a aprendizagem e como ela funciona na vida do aluno. Para uma efetiva aprendizagem é preciso que tenha um mediador especializado, o professor, que auxilia o aluno até criar autenticidade e conseguir fluir no conhecimento sozinho:

[...] a aprendizagem é uma construção pessoal que cada menino e cada menina realizam graças à ajuda que recebem de outras pessoas. Esta construção, através da qual podem atribuir significado a um determinado objeto de ensino implica a contribuição por parte da pessoa que aprende, de seu interesse e disponibilidade, de seus conhecimentos prévios e de sua experiência. Em tudo isso desempenha um papel essencial a pessoa especializada, que ajuda a detectar um conflito inicial entre o que já se conhece e o que se deve saber, que contribui para que o aluno se sinta capaz e com vontade de resolvê-lo, que propõe o novo conteúdo como um desafio interessante cuja resolução terá alguma utilidade, que intervém de forma adequada nos progressos e nas dificuldades que o aluno manifesta, apoiando-o e prevendo, ao mesmo tempo, a atuação autônoma do aluno. É um processo que não só contribui para que o aluno aprenda certos conteúdos, mas também faz com que aprenda a aprender e que aprenda que pode aprender. (ZABALA, 1998, p. 63)

E, assim, pensamos numa maneira de incentivar e dar suporte para que os alunos pudessem desenvolver as atividades com uma fluência de conhecimento maior, sem se sentirem pressionados.

A partir das atividades pensadas utilizou-se do modelo de sequência didática de Zabala (1998):

- a) Atividade motivadora relacionada com uma situação conflitante da realidade experiencial dos alunos.
- b) Explicação das perguntas ou problemas que esta situação coloca.
- c) Respostas intuitivas ou “hipóteses”.
- d) Seleção e esboço das fontes de informação e planejamento da investigação.
- e) Coleta, seleção e classificação dos dados.
- f) Generalização das conclusões tomadas.
- g) Expressão e comunicação. (ZABALA, 1998, p. 55)

O projeto *Minha Voz Cidadã* foi introduzido à turma em abril. A proposta foi desenvolver a oralidade, capacidade muito importante não só para a vida acadêmica dos alunos, mas também para o cotidiano. Notamos que, mesmo no ensino superior, muitos alunos apresentam dificuldades em realizar seminários, e aqueles com mais facilidade eram justamente os que já tinham aprendido os gêneros discursivos ligados à oralidade mais formal no Ensino Médio, antes de entrar na faculdade. Desenvolver a fala, ser claro no que se está tentando passar e ter conhecimentos dos recursos persuasivos é fundamental para exercer nossos direitos como cidadãos. Tendo em mente essa ideia, surgiu o “Minha voz cidadã”.

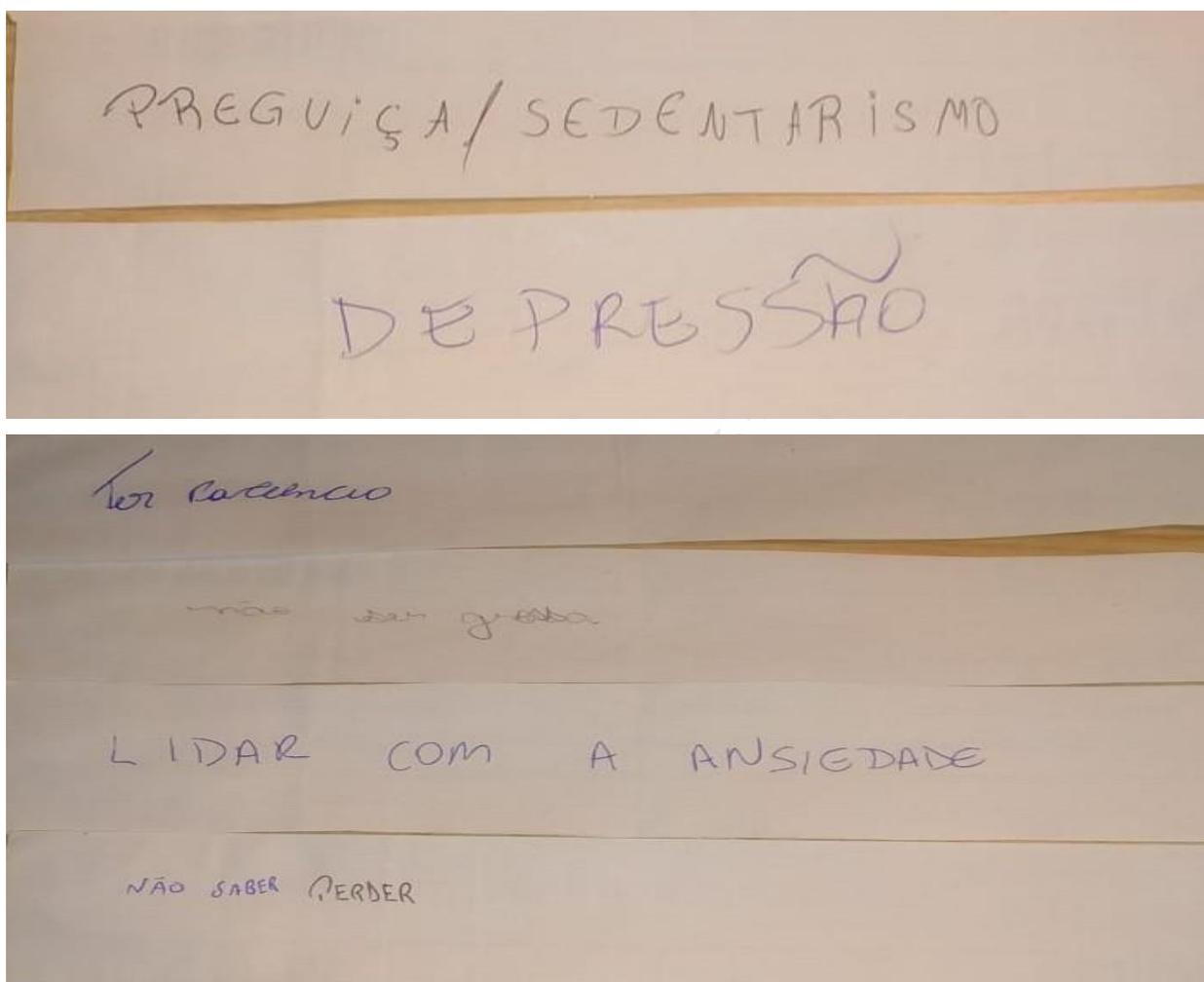
Devido a esse problema com a oralidade evidenciado, decidiu-se iniciar o projeto a partir de atividades baseadas em conteúdos atitudinais, pois cumprem os requisitos de diálogos/debates, e são caracterizadas, assim, por Zabala (1998):

As características dos conteúdos atitudinais, e o fato de que o componente afetivo atue de forma determinante sem sua aprendizagem fazem com que as atividades de ensino destes conteúdos sejam muito mais complexas que as dos outros tipos de conteúdo. [...] Agora, para que esse conhecimento se transforme em referência de atuação é preciso mobilizar todos os recursos relacionados com o componente afetivo. O papel e o sentido que pode ter o valor solidariedade, ou o respeito às minorias, não se aprende apenas com o conhecimento do que cada uma destas ideias representa. As atividades de ensino necessárias têm que abarcar, junto com os campos cognitivos, os afetivos e condutuais, dado que os pensamentos, os sentimentos e o comportamento de uma pessoa não dependem só do socialmente estabelecido, como, sobretudo, das relações pessoais que cada um estabelece com o objeto da atitude ou do valor. (ZABALA, 1998, p. 83)

Devido ao início do semestre e à organização das aulas eletivas e optativas, além dos projetos desenvolvidos pela própria escola — não sabíamos com que turma seria desenvolvido o projeto — e, para que se desenvolvesse um vínculo entre os pibidianos e os alunos, inicialmente a professora coordenadora propôs uma pesquisa sobre jogos didáticos, pois, com crianças ou com adolescentes, jogos didáticos são atividades que podem ser aplicadas sem restrições. A partir dessa pesquisa, entramos em contato com dois jogos que posteriormente foram aplicados à turma.

O primeiro foi uma dinâmica para que conhecêssemos nossos alunos. Cada um desenharia ou escreveria em uma folha algo que os representasse e depois esses trabalhos seriam expostos e tentaríamos adivinhar quem escreveu/desenhou o que. Todos os alunos participaram da atividade, principalmente quando nós mesmos e a professora supervisora fizemos nossos desenhos e eles tentaram adivinhar o autor. Esse jogo também foi uma oportunidade de trabalhar com os estereótipos e tentar rompê-los ao comentar as características descritas pela própria pessoa e aquilo imaginado pelo grupo. O segundo jogo entrou na nossa sequência didática, pois havia sido definida com qual turma trabalharíamos e, a partir das respostas obtidas, daríamos continuidade ao projeto. O jogo se chama “Jogo dos segredos”. Cada um dos alunos escreve em um papel, de forma anônima, sua maior dificuldade, em seguida esses papéis são

distribuídos aleatoriamente entre a turma e o aluno deve ler e tentar encontrar uma solução para o que foi apontado. O objetivo dessa atividade foi conscientizar os alunos sobre empatia com o outro, desenvolvendo pequenos debates para uma ajuda mútua entre a classe, além de estreitar vínculos entre turma e pibidianos.



Segredos (Preguiça/Sedentarismo – Depressão – Ter paciência – Não ser grossa – Lidar com a ansiedade – Não saber perder)

Foi no “Jogo dos segredos” que questionamos se trabalhar de forma sistemática com a oralidade funcionaria na turma. Embora todos os alunos tivessem escrito suas dificuldades, na hora de dizer pra classe uma forma de ajudar no problema dos colegas, eles não se sentiram à vontade para falar. Tínhamos como base o relato de uma colega de PIBID que havia feito essa atividade na turma que ela frequenta e, segundo ela, as discussões tinham sido muito boas, alguns alunos se emocionaram, todos estavam

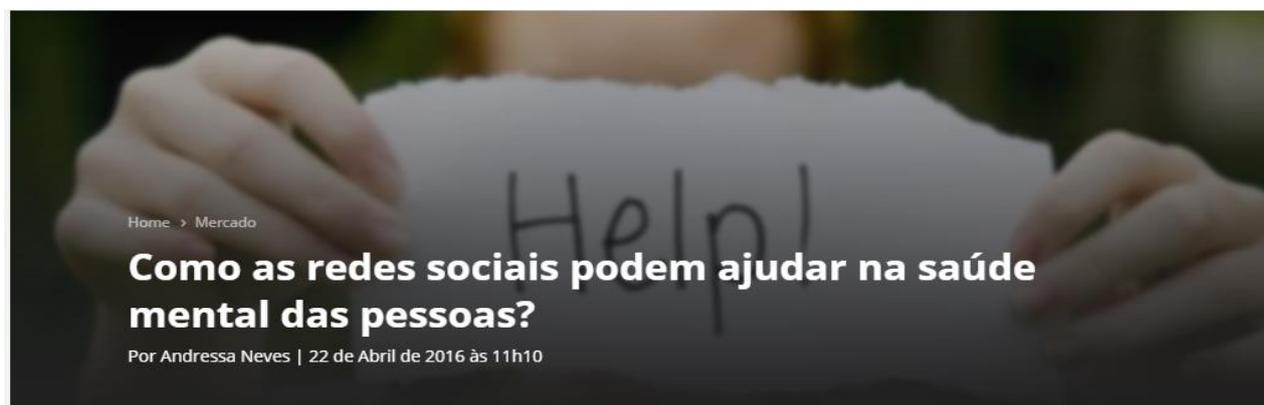
envolvidos na atividade. Mas com o 1ºB não funcionou como estávamos esperando, a turma não se sentiu confortável o suficiente conosco e pouco falaram. Mesmo assim, a atividade foi realizada até o fim, ainda que com pouca participação dos alunos.

Acredita-se que a situação tenha ocorrido devido à falta de intimidade entre eles mesmos e deles conosco, além da falta de preparo dos alunos em apresentações orais e em momentos em que precisavam se expor (como falar em voz alta diante da sala). A solução que encontramos para lidar com essa situação foi mediar a atividade e auxiliar com algumas dicas até o momento em que a finalizamos.

O fracasso nessa atividade nos auxiliou a pensar que é preciso primeiro conquistar a turma, garantindo laços afetivos, e sempre ter mais de uma atividade preparada para aplicação. Ou seja, o planejamento tem que prever atividades extras e diferenciadas para que possam ser aplicadas dependendo da resposta da turma.

Apesar do resultado, o Jogo dos segredos foi o que conduziu o nosso projeto pois, baseados nas respostas dos alunos, selecionamos um tema para debater na aula seguinte. O tema escolhido pelos próprios alunos foi “Depressão e Ansiedade”, já que muitos mostraram ter problemas com essas doenças que, além de perigosas, estão envoltas em inúmeros preconceitos. A questão que se impunha, contudo, é se o debate ainda iria acontecer ou se seria realizada outra atividade, já que, se os alunos não participaram oralmente do jogo, era provável que uma atividade como um debate não funcionasse. Mesmo com a dúvida, decidimos realizar essa atividade e, devido à ausência de um professor, o 1ºA e o 1ºB foram alocados juntos, o que garantiu uma participação mais efetiva, até dos alunos mais retraídos do 1ºB.

Levantamos então o seguinte questionamento: “As redes sociais auxiliam ou prejudicam pessoas que sofrem de depressão/ansiedade?”. Para iniciar as discussões, escolhemos duas notícias com pontos de vistas contrários. Uma defendia o uso das redes por conta da possibilidade de se comunicar com pessoas que sofrem do mesmo problema, intitulada “Como as redes sociais podem ajudar na saúde mental das pessoas”, escrita pela jornalista Andressa Neves e vinculada ao site CanalTech; e outra sobre como as redes sociais prejudicam o bem-estar dos jovens por apresentarem padrões irreais de beleza, contribuindo para a baixa autoestima, intitulada “Instagram é a rede social mais nociva à saúde, diz pesquisa”, escrita pela jornalista Pâmela Carbonari e vinculada ao site Superinteressante.



Manchete da notícia utilizada pelos alunos que argumentaram a favor da rede social

Sociedade

Instagram é a rede social mais nociva à saúde mental, diz estudo

Aplicativo tem impacto negativo no sono e na autoimagem dos jovens, mostra pesquisa

Por **Pâmela Carbonari**

2 maio 2019, 11h48 - Publicado em 19 maio 2017, 16h25



Primeira página da notícia utilizada pelos alunos que argumentaram contra a rede social

A proposta foi realizar um debate regrado: após a leitura de ambas as notícias com a turma, dividimos a sala em dois grupos e cada um dos grupos defendeu um dos lados, como em um tribunal, tendo de selecionar bons argumentos para defender o ponto de vista que lhes cabia, mesmo se pessoalmente discordassem da perspectiva adotada.

O grupo selecionado para a defesa das redes sociais como forma de combater os problemas emocionais iniciou o debate de maneira reticente, já que a princípio não concordavam com esse ponto de vista; no entanto, após compreenderem melhor a proposta, o debate se desenvolveu sem que fosse necessária uma mediação da nossa parte.

Campanhas de conscientização

Foi decidido que a partir dessa etapa seriam usadas apenas atividades procedimentais, que são caracterizadas por Zabala (1998, p. 81) como “[...] necessidade de realizar exercícios suficientes e progressivos das diferentes ações que formam os procedimentos, as técnicas ou estratégias.”. Utilizar de produções textuais foi uma maneira de pôr em prática esse tipo de ensino.

O próximo módulo envolveu as campanhas mensais de conscientização, campanhas promovidas por ONGs ou pelo Estado, que servem de alerta tanto para prevenção de doenças e conscientização social quanto para abertura de debates sobre essas doenças, conscientização e educação do público, e também para troca de experiência entre as pessoas. Ou seja, acarreta no cuidado com a saúde e na conscientização no dia a dia da população. Levamos um texto, escrito pela Marina Maranhão, disponível no site do Diário de Pernambuco, com informações iniciais sobre a campanha de cada mês. A atividade proposta seria escrever um comentário breve sobre qual campanha os alunos consideravam mais importante e justificar a escolha. O intuito dessa atividade foi fazer uma avaliação diagnóstica da escrita dos estudantes, por isso optamos em inicialmente tratar das campanhas de forma individual e escrita.

Seguem alguns exemplos de textos produzidos por alunos já com marcas de correção textual-interativa (Ruiz, 1998):

da correção, centramos em comentários quanto à argumentação e ressaltamos os pontos positivos na escrita, deixando para comentar oralmente e com a turma toda o que poderia ser melhorado. Na aula seguinte, devolvemos as redações e conversamos sobre as questões ligadas à modalidade escrita mais formal que apareceram com mais frequência: paragrafação, uso da vírgula e concordância. Nessa aula também, dando continuidade ao módulo das campanhas, introduzimos a penúltima atividade, o seminário.

Tendo em vista que os alunos estavam envolvidos no tema das campanhas, expusemos, com base nas informações da Equipe PróEstudo, da UFSCAR, as características das apresentações orais e as orientações de como fazer bons seminários. A tarefa pedida foi que eles escolhessem uma campanha e apresentassem oralmente para a turma na semana seguinte.

Também foram destacadas essas considerações de Machado e Cristovão (2006) sobre características e particularidades dos gêneros textuais:

- a) as características da situação de produção (quem é o emissor, em que papel social se encontra, a quem se dirige, em que papel se encontra o receptor, em que local é produzido, em qual instituição social se produz e circula, em que momento, em qual suporte, com qual objetivo, em que tipo de linguagem, qual é a atividade não verbal a que se relaciona, qual o valor social que lhe é atribuído etc.);
- b) os conteúdos típicos do gênero;
- c) as diferentes formas de mobilizar esses conteúdos;
- d) a construção composicional característica do gênero, ou seja, o plano global mais comum que organiza seus conteúdos;
- e) o seu estilo particular, ou, em outras palavras:
 - as configurações específicas de unidades de linguagem que se constituem como traços da posição enunciativa do enunciador: (presença/ausência de pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa, dêiticos, tempos verbais, modalizadores, inserção de vozes);
 - as seqüências textuais e os tipos de discurso predominantes e subordinados que caracterizam o gênero;
 - as características dos mecanismos de coesão nominal e verbal;
 - as características dos mecanismos de conexão;
 - as características dos períodos;
 - as características lexicais (MACHADO; CRISTOVÃO, 2006, p. 11-12).

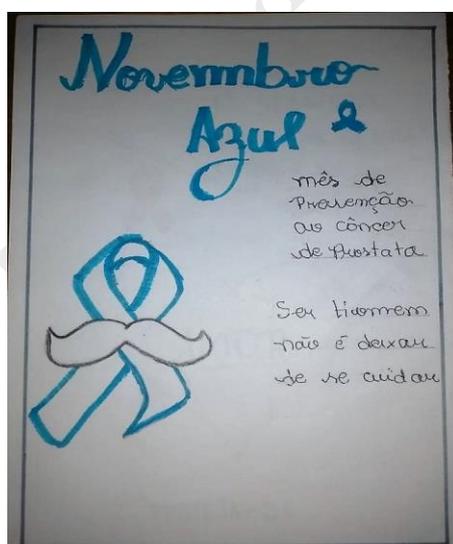
As apresentações dos grupos aconteceram todas no mesmo dia. Todos apresentaram, mas muitos integrantes se fixaram na leitura de um texto, e não

propriamente na expressão oral sobre o assunto. Embora tenhamos pontuado algumas dicas que os ajudariam a desenvolver melhor o seminário, poucas delas foram consideradas pelos alunos na hora da apresentação, o que nos leva a avaliar que mais deve ser feito para romper com um esquema já incorporado de que em seminário basta ler algum conteúdo previamente pesquisado (leitura oralizada). Ou seja, além de apresentar dicas e pedir a produção, era necessário ter acompanhado passo a passo da elaboração dessa atividade, podendo, dessa forma, auxiliá-los durante o processo (e não só avaliar se o produto final).

A última aula foi dedicada à produção do panfleto. Depois de contar a origem do panfleto, seus usos e levar modelos como exemplo, os alunos, em duplas, fizeram os seus sobre alguma campanha da escolha deles.

Os resultados dessa atividade foram muito satisfatórios. Os alunos foram criativos em suas produções e se interessaram muito em fazer a atividade. Alguns optaram por fazer dois panfletos.

As imagens a seguir são de panfletos produzidos em sala, manualmente, devido à indisponibilidade de computadores para a sua produção. É importante destacar que os alunos revelaram poder de síntese (ao criar textos curtos ou slogans para as campanhas) em textos coesos e coerentes. Mesmo assim, toda produção deve ser avaliada por terceiros (professores e alunos) e pelos próprios produtores, a fim de procurar formas de reescrita que melhorem a mensagem a ser passada.



Panfletos desenvolvidos pelos estudantes

Considerações finais

Procuramos desenvolver uma sequência didática que fosse interessante aos alunos e que Zabala (1998, p. 61) classificaria como “[...] um trabalho muito explícito no campo dos conteúdos procedimentais e atitudinais”, pois foi realizada uma produção de materiais escritos e diálogos/debates.

Devido a mudanças constantes dos horários das aulas na escola, o projeto foi desenvolvido com uma duração menor do que a prevista. Dada a profundidade do conteúdo, teríamos mais atividades a serem trabalhadas com os alunos, mas foi levado em consideração o que seria mais relevante para o momento escolar vivido por eles. Trabalhar com a oralidade é dinâmico e associar com temas atuais e escolhidos pelos próprios alunos, como depressão e ansiedade, que são duas questões muito experienciadas atualmente, foi o nosso maior sucesso do semestre. É importante observar que foi trabalhado o desenvolvimento tanto oral como escrito. As atividades foram aplicadas em contextos diferenciados, porém foi possível obter a participação dos alunos e observar o leve crescimento nas apresentações orais. Trazer essa temática aprimorou a construção dos argumentos e a desenvoltura da oralidade em situação mais formal.

Projetos como o PIBID são muito importantes para a formação de um bom docente, pois experienciamos o dia a dia de uma escola que luta para manter uma boa qualidade de ensino apesar de receber pouca ajuda do Estado para que isso aconteça, pois há falta de professores e de uma estrutura adequada para recepção dos alunos. Estar a par da realidade do ensino público nos faz perceber a necessidade de mudança, e nos direciona a uma atuação futura engajada na sua melhoria.

Referências

CARBONARI, Pâmela. Instagram é a rede social mais nociva à saúde, diz pesquisa. **Superinteressante**, [s. l.], 19 maio 2017. Sociedade. Disponível em: <https://super.abril.com.br/sociedade/instagram-e-a-rede-social-mais-prejudicial-a-saude-mental/>. Acesso em: 18 maio 2019.

MACHADO, Anna Rachel; CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes. A Construção de Modelos Didáticos de Gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros.

Linguagem em Discurso, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 547-573, 2006. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/issue/view/36/showToc.

MARANHÃO, Marina; MILLET, Priscila. Cor e causa: de janeiro a dezembro, entenda a origem das campanhas de cada mês. **Diário de Pernambuco**, [s. l.], 201-. Curiosamente. Disponível em: <https://curiosamente.diariodepernambuco.com.br/project/cor-e-causa-de-janeiro-dezembro-entenda-origem-das-campanhas-de-cada-mes/>. Acesso em: 24 maio 2019.

NEVES, Andressa. Como as redes sociais podem ajudar na saúde mental das pessoas. **CanalTech**, [s. l.], 22 abr. 2016. Mercado. Disponível em: <https://canaltech.com.br/mercado/como-a-internet-pode-auxiliar-pessoas-que-sofrem-de-problemas-psicologicos-63345/>. Acesso em: 18 maio 2019.

PRÓESTUDO. **Orientações sobre apresentações orais**. [S. l.]: UFSCAR, 2001. Disponível em: <http://www.proestudo.ufscar.br/downloads/orientacoes-sobre-apresentacoes-orais/>. Acesso em: 1 jun. 2019.

RUIZ, E. D. **Como se corrige redação na escola**. 1998. Tese (Doutorado em Linguística) — Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

ZABALA, Antoni. As sequências didáticas e as sequências de conteúdo. In: ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Trad. Ernani F. da F. Sousa. Porto Alegre: ArtMed, 1998. p. 53-87.

MY CITIZEN VOICE

ABSTRACT

We present an experience report of the project “My citizen voice”, carried out in the scope of PIBID Letras, with the Federal Institute of São Paulo in partnership with a state school in the north of São Paulo. This project aimed to develop the ability of orality through discussions and seminars linked to issues involving citizenship, in addition to working with the pamphlet discursive genre. For this, a didactic sequence was formulated in the light of the theory of Zabala (1998), with the Citizen theme and containing some activity modules: an initial discussion about the problems faced by the students, then a debate about depression and anxiety (topics chosen by the students), seminars involving monthly awareness campaigns and, finally, the elaboration of an informative pamphlet as a final production. The results indicated that when students choose the theme of the class, there is greater participation and the content develops dynamically. It is concluded, then, that the student should be the center of the pedagogical process.

Keywords: PIBID; Citizenship; Orality; Portuguese Language Teaching.

Envio: outubro/2019
Aceito para publicação: outubro/2019